

Sobre Tantas Garopabas: A Construção do Discurso Turístico no Litoral Catarinense

Alexandra Lis Alvim¹

RESUMO

O desejo de estar junto ao mar movimentava milhões de turistas, todos os anos, em direção às cidades litorâneas. O presente artigo historiciza a construção de alguns discursos produzidos desde fins da década de 1960, para município do litoral sul catarinense. Nesta época, as aceleradas transformações das grandes cidades associadas ao contexto repressivo dos anos da Ditadura Civil-Militar, fomentaram a busca por espaços que se distanciassem, de alguma forma, desta realidade. É nesta conjuntura que começaram a ser produzidas representações sobre Garopaba, a partir de Porto Alegre, que discorrem sobre alternativas possíveis à Modernidade ou ao sistema, e que ainda se fazem presentes dentro do imaginário produzido sobre a cidade e ajudaram-na a se transformar em um dos principais destinos turísticos de Santa Catarina.

ABSTRACT

About Garopabas: The Construction of the Tourist Discourse in Santa Catarina's Coastal - The desire to be near the sea moves millions of tourists towards the coastal towns every year. This article seeks to historicize the construction of some discourses produced since the late 1960s for a municipality of this state's south coast. At this time, the rapid change of major cities associated with the repressive context of the years of the Civil-Military Dictatorship, fostered the search for spaces that could get away, somehow this reality. It is at this conjuncture

Revista Rosa dos Ventos

6(2) 217-228, abr-jun, 2014

© O(s) Autor(es) 2014

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Palavras-chave: Turismo.
História do Turismo.
Vilegiatura Marítima. Litoral
Sul. Santa Catarina.

¹ **Alexandra Lis Alvim** - Mestranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: ale.alvim@hormail.com

that representations about Garopaba began to be produced from Porto Alegre, who talk about possible alternatives to Modernity or to the system, and they still are present within the imaginary produced over the city and helped it become one of the main tourist destinations of Santa Catarina.

Keywords: Tourism. Tourism History. Beach Holiday. Coast Beaches Santa Catarina. Brazil.

INTRODUÇÃO

Anos atrás, minha família retornou a veranejar em Garopaba². No verão, encontraram uma mistura de restaurantes exóticos, lojas de surfe e boates convivendo com baleeiras e construções antigas. Na rua principal, vitrines de grandes marcas. Na praia, poucos barcos e galpões, muitos banhistas. Adesivos e roupas exclamavam: “No Stress – Garopaba”, ao mesmo tempo em que se ouvia o barulho alto de música saindo dos carros. Eu, que nunca tinha estado por ali antes, não podia compreender o que a minha avó sentia ao deparar-se com tudo aquilo: a sensação de que as coisas já não são como eram antigamente, sensação endêmica de Modernidade (Berman, 1996).

Ao longo dos últimos cinquenta anos, Garopaba foi objeto de diferentes discursos, alimentados por certa descrença no ‘mundo moderno’ – ou, em algumas concepções do moderno vigentes nas grandes cidades – que, contraditoriamente, a transformaram num litoral capitalizado e em um dos pontos mais requisitados de Santa Catarina. Mas como era o que não existe mais? Que mundo era valorado pela geração da minha avó e que práticas transformaram seu espaço neste correr de meio século? Que discursos se criaram sobre esse lugar e que fizeram com que ele se inscrevesse como um lugar mítico em um imaginário social do qual também sou herdeira?

Este artigo pretende levantar algumas questões sobre a construção de discursos turísticos a respeito de um pequeno município do Litoral de Santa Catarina e tratá-lo, deste modo, a partir de uma abordagem historiográfica. O recente crescimento de trabalhos sobre memória, cidade, patrimônio e imagem dentro da historiografia brasileira possibilitou discussões, no campo da História, sobre as práticas turísticas. Por conseguinte, o Turismo passou a ser problematizado para muito além de um viés mercadológico, abarcando as dimensões socioculturais e sobre o que acarreta a constituição de seus discursos, entendidos também como uma ferramenta para compreender imaginários e comportamentos de diferentes épocas. Aqui, tentaremos apreender a capitalização do Litoral por dois prismas: a constituição da vilegiatura marítima enquanto prática cotidiana e parte do imaginário nacional, e o contexto de modernização e transformação do país durante a Ditadura Civil-Militar, a partir de um espaço no qual as atividades turísticas foram projetadas por desejos de distanciamento das novas conjunturas que pairavam sobre a Porto Alegre dos anos 1970. As questões que serão sugeridas aqui fazem parte de uma pesquisa de mestrado, em andamento.

A BUSCA PELO MAR...

A partir dos anos 1960 iniciou-se um processo de mudança contínua no modo de vida e uso dos espaços de Garopaba, cujo entorno era historicamente rural e pesqueiro (Damázio, 2011).

² Garopaba situa-se no litoral sul de Santa Catarina, a 72 km da capital regional, Florianópolis, e a 407 km de Porto Alegre, RS. Hoje com 20.024 habitantes, vive da riqueza das águas, sendo a pesca sua maior fonte de renda, mas também desenvolve o turismo, as atividades agrícolas, comerciais e industriais. Fonte: <<http://www.garopaba.sc.gov.br/turismo/informacoes/>>, acesso em 20 jun 2014.

Uma nova ordem se impôs gradativamente, implicando novas formas de uso e representação nas antigas paisagens e práticas. Na década do automóvel, o melhoramento das estradas tem o mesmo efeito de ‘bulevar’ da cena primordial da modernidade baudelariana: faz ver e ser visto, pois a Modernidade, segundo Berman (1996), une a espécie humana, despeja todos “num turbilhão permanente de desintegração e mudança, luta e contradição, ambiguidade e angústia” (p.15). Construir estradas é encurtar distâncias³, levar progresso aos recônditos. Estradas, industrialização, crescimento das grandes cidades: palavras-chaves para a política modernizante que se seguiu ao Governo de Juscelino Kubitschek e que, até a crise do final dos anos 1970, gerava a sensação de que “faltava dar apenas alguns passos para finalmente sermos uma nação moderna” (Mello & Novais, 1998, p.560). Enquanto os grandes centros urbanos cresciam e conheciam um novo ritmo, caótico, as classes médias, beneficiadas pelos novos padrões de consumo e agora motorizadas, deslocavam-se e davam fôlego para um novo tipo de indústria, o Turismo.

A vilegiatura marítima, que já era um fenômeno social frequente no País na primeira metade do século XX, consolida-se e amplia-se na sua segunda metade. Sua origem está associada ao surgimento de novas percepções sobre as águas e o mar, vinculadas aos discursos médicos do século XVIII que, nos primórdios da Revolução Industrial, passaram a exaltar seus efeitos benéficos: curavam males e aquietavam os nervos das classes dominantes. O discurso sobre banhos terapêuticos viria a produzir, assumir ou codificar práticas que, mais tarde, fugiriam do controle de médicos e higienistas (Corbin, 1988). Tais elites, ao incorporarem estes discursos, criariam nas águas termais e, posteriormente, no litoral, espaços de sociabilidade, com códigos próprios que se espalhariam pela Europa e seriam imitados por outros grupos sociais. Este processo, estudado por Alain Corbin (1988), converteu o litoral, ‘território do vazio’, em um território de deleite, prazer e contemplação que, ao invés do medo, passou a despertar o desejo de estar próximo: inventava-se a praia moderna.

O novo olhar sobre as águas chegou ao Brasil no século posterior, através da influência de ricos imigrantes ingleses e germânicos. Em seus primórdios, a vilegiatura marítima esteve relacionada ao ‘novo viver urbano’, com a atribuição de novos sentidos às paisagens marítimas e o surgimento de novos comportamentos entre as elites de cidades litorâneas, na medida em que estes se transformavam em espaços de lazer e entretenimento (Schossler, 2010). Comportamentos adotados pelas classes médias, conforme se popularizavam os automóveis e se firmava o direito a férias remuneradas.

Concomitante ao espaço que o mar passa a ocupar no imaginário social, a emergência de uma ‘cultura de praia’, em âmbito nacional, não pode ser vista dissociada da força global que a cultura estadunidense adquiriu no período pós-guerra e da relevância dos esportes dentro desta. A popularização do formato atual do surfe, a partir da Califórnia, na segunda metade do século XX, foi acompanhada por sua divulgação, em nível mundial, através da produção de filmes. No Rio de Janeiro o esporte encontrou adeptos entre os jovens de alta renda, residentes em bairros à beira-mar, praticantes de comportamentos festivos, hedonistas e praianos, no momento que os artistas e intelectuais que moravam em Ipanema passaram a ganhar projeção nacional e internacional (Dias; Fortes & Mello, 2012). Com a Garota de Ipanema, a praia tornou-se um símbolo nacional, referência comportamental de um estilo de vida para todo o País.

³“Neste período, um slogan político eficiente enfatizava: ‘Governar é construir estradas’, o que faz lembrar o slogan do governo estadual de Santa Catarina na década de 70: ‘Governar é encurtar distâncias’, baseado na exacerbação da política voltada aos transportes” (Darella, Garlet & Assis, 2000, pp.182-183).

As décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial também acompanharam a emergência da juventude como protagonista de novos comportamentos, que indicavam um profundo desequilíbrio nas relações entre as gerações e marcavam novos posicionamentos sociais e contestadores do *status quo*. Na esteira da influência norte-americana, desencadeou-se o espírito da contracultura como um repúdio de jovens à sociedade tecnocrata e consumista vigente. O *ethos* da rebeldia jovem contra o *ethos* da bomba das sociedades da Guerra Fria, que se viam à beira da aniquilação nuclear, a Contracultura era a ousadia de romper com a visão de mundo das gerações anteriores (Roszak, 1972) . O espírito de contestação juvenil abraçou muitas causas, em diversos pontos do mundo ocidental. A busca por novos comportamentos, como uso de narcóticos, liberdade sexual e contato com a natureza incitou a busca por ‘territórios livres’, onde tais práticas pudessem se expressar.

Figura 1: Garopaba em cena do filme *Deu pra ti anos 1970*⁴



Fonte: mbasic⁵

No Brasil, o clima de contestação se organizava contra o autoritarismo e a rigidez de costumes impostas pela instauração da Ditadura Civil-Militar, em 1964. Em tempos de transgressão e repressão, alguns lugares se consolidaram como espaços de ‘liberdade’ para a troca de ideias e novas experiências: espaços onde fosse possível escapar da vigilância e ter comportamentos considerados, então, como alternativos. Neste contexto configurava-se o bairro Bom Fim, em Porto Alegre (Pedroso, 2009) que, nas décadas de 1970, 1980 e 1990 foi abrigo de jovens engajados politicamente, ou não, ‘transgressores’ de alguma forma do comportamento moral corrente, que o imortalizaram em algumas obras artísticas. Entre elas, uma canção tornou-se praticamente um hino à cidade, ao ganhar visibilidade nacional. “Deu Pra Ti”, dos músicos Kleiton Ramil e Kledir ramil, lançada em 1981, teve 70 mil cópias vendidas até maio de 1982 (Pedroso, 2009). Nos seus versos, cantava coisas características do bairro e da cidade: “Alô tchurma do Bonfim / As gurias tão tri afim / Garopaba ou Bar João / Bela dona e chimarrão”⁶

⁴ O filme *Deu pra ti anos 70* foi rodado em Super 8, em 1981, com direção de Giba Assis Brasil e Nelson Nadotti. Hoje sua distribuição é da Casa de Cinema de Porto Alegre.

⁵ Disponível em

<https://mbasic.facebook.com/AmoreMorte?v=timeline&timecutoff=1382573008§ionLoadingID=m_timeline_loading_div_1388563199_1357027200_8_&timeend=1388563199×tart=1357027200&tm=AQBKaqb-ICINrWd&_rdr>. Acesso em abril de 2014.

⁶ Kleiton & Kledir. Deu pra ti (Kleiton Ramil & Kledir Ramil). São Paulo: Ariola, 1981. LP

A GAROPABA DOS ALTERNATIVOS

É a partir desse momento que voltaremos às questões expostas no parágrafo inicial. Garopaba aparece nesse momento ao lado de outros lugares importantes para aquela 'Porto Alegre do Bom Fim', sendo elencada com os lugares familiares daquele grupo do qual os músicos sentiam saudades. Por que a cidade aparece disposta desta forma? Que tipo de relação a música parece indicar entre os dois lugares? No mesmo ano era também lançado o filme *Deu pra ti anos 70*, de Giba Assis Brasil e Nelson Nadotti, dois estudantes de Cinema. Os locais, os assuntos e os diálogos que aparecem no filme se colocavam como uma transcrição das vivências dos produtores e de seus amigos na década que se encerrava. O bairro Bom Fim e seus bares emblemáticos estão lá, assim como está Garopaba. Através do filme, subentende-se que Garopaba, como os bares do Bom Fim, representavam um lugar de liberdade para uma geração reprimida de uma grande cidade.

Nas duas exposições acima, esboça-se um fragmento de alguns discursos que pintaram um lugar como especial, mítico, dentro de um imaginário. As representações do mundo social, esquemas intelectuais que criam figuras que dão sentido e tornam inteligível o mundo, estão presentes em todas as práticas e estruturas sociais (Chartier, 1991). Ainda que aspirem a ser universais, não são neutras: determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam, as representações produzem estratégias e práticas. Segundo Backzo (1995), qualquer poder político, para legitimar-se, está rodeado de representações coletivas, uma vez que "o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico" (p.297). Este autor teorizou sobre o conceito de *imaginação social*, afastando-se da concepção tradicional do imaginário como quimérico, oposto ao real, e concebendo a imaginação como um dado fundamental da condição humana, já que todas as gerações levam consigo uma definição do que é e o que deve ser, o ser humano.

Imaginários sociais servem como pontos de referências da vida social, pois ajudam a definir a identidade de um indivíduo e de seu grupo, e a identidade dos outros, compondo os códigos sociais e sendo assim um "aspecto da vida social, da atividade global dos agentes, cujas particularidades se manifestam na diversidade de seus produtos" (Backzo, 1995, p.309). Numa perspectiva próxima à proposta por Chartier (1988), enxerga as representações coletivas como uma das respostas que uma sociedade oferece a seus conflitos, portanto, uma das forças reguladoras da vida social, visto que as demarcações da organização social, uma vez incorporadas sob a forma de categorias mentais e representações coletivas e formando esquemas geradores de classificações e percepções próprias dos grupos sociais, funcionam como verdadeiras instituições sociais.

As representações são matrizes de discursos e práticas que têm por objetivo a construção do mundo social. Construídas a partir da experiência, dos desejos, das aspirações e motivações dos grupos que as forjam e portam, acabam por introduzir valores, modelar comportamentos, indicar crenças e possibilidades. Esse conjunto de ideias e representações coletivas que Backzo (1995) denomina *imaginário social* são, simultaneamente, um dispositivo de controle da vida coletiva, como o lugar e o objeto dos conflitos sociais, pois asseguram a um grupo social "quer um esquema coletivo de interpretação das experiências individuais, tão complexas quanto variadas, quer uma codificação das expectativas e das esperanças" (p.311). Longe de estarem distantes do real, as representações coletivas têm a função social de, em um determinado grupo, orientar, informar e apelar à ação. Para o autor, ainda que os percursos imaginados pelos agentes sociais raramente se cumpram, isso não retira suas funções reais, ao contrário, as realça. O agente objetivo, despido das representações que fez de si e que fizeram para si, não existe, assim como não podem ser entendidos seus atos sociais como despídos de suas

experiências, interesses e expectativas.

Para Pesavento (1994), o historiador cultural é convidado a atingir outra inteligibilidade: captar a pluralidade desses sentidos, resgatar a construção de seus significados expressos em bens culturais, tentando compreender como são produzidas as tessituras de que compõem os imaginários. Essas estruturas complexas e tecidos simbólicos que intervêm em diversos níveis da vida coletiva, executando várias funções simultâneas entre os agentes sociais e operando através de oposições que estruturam as forças afetivas, unindo-as, formando redes de significação. Os imaginários sociais só existem e têm eficácia simbólica quando assentados sobre *comunidades de imaginação* e, assim, “todas as cidades são, entre outras coisas, uma projecção de imaginários sociais no espaço. A sua organização social atribui um lugar privilegiado ao poder, explorando a carga simbólica das formas [...]. A arquitectura traduz eficazmente, na sua linguagem própria, o prestígio que rodeia um poder [...]” (Backzo, 1995, p. 313).

Em 1961, Garopaba, cujas origens remontavam à colonização açoriana do século XVIII, emancipara-se de Palhoça e enfrentava o declínio da pesca baleeira. Aos pés da igreja, quase junto ao mar, situa-se a praça principal⁷, local depositário de memórias antigas da cidade. Em 1964, o navio mercante Brasil Mar encalhou na costa da enseada e trouxe movimento de mergulhadores à cidade recém-emancipada, bem como a fundação do primeiro hotel (Bitencourt, 2003). Ao longo da mesma década a cidade sentiria os reflexos das políticas desenvolvimentistas do período: o governo estadual de Ivo Silveira havia contratado um fotógrafo para averiguar, por meio de imagens, as obras que empreendia por toda Santa Catarina, entre as quais, a construção da sede da sua Colônia de Pescadores.

Foi assim que Garopaba e Manfredo Hubner, com sua Pentax, se conheceram. Aquela não seria a única estada do militar gaúcho, que retornou nos verões seguintes, trazendo consigo sua família, amigos e sua câmera fotográfica, até entrar para a reserva e, no início da década de 1980, estabelecer-se definitivamente como morador da cidade. Dentre os amigos trazidos por Manfredo constavam alguns jornalistas, como Ribeiro Pires, dos jornais *Correio do Povo* e *Folha da Tarde*, de Porto Alegre, e *A Rua Grande*, de São Leopoldo. As aventuras dos amigos nas praias se transformariam em uma série de reportagens e um assunto frequente nos três jornais:

Além de fotografar pescarias e passeios, arrastões e viagens mar adentro, o Prietinho mergulhou e colheu fotos submarinas. Darão assunto sensacional. Resultado: foram tantas fotos colhidas que vim para o Hotel, pedi uma máquina de escrever emprestada ao prefeito Jorge Pacheco e escrevi uma série de reportagens para a Folha e o Correio (A Rua Grande, 20.01.1972, pp.16 e 17).

Exaltava-se da cidade seu ritmo sossegado, bucólico, a natureza exuberante, o estilo de vida antigo, a sabedoria dos homens do mar e o equilíbrio na relação homem/natureza: “As casas tôscas de pescadores. O sol morno. O vento suave soprando. E do mar vem a visão mais linda. Os barcos dos pescadores chegando à praia”⁸. Descrevia-se, portanto, uma cena totalmente diferente da visão urbana que se começava a se projetar sobre cidades na época já atulhadas de automóveis, presas a um ritmo frenético e cada vez mais distante da natureza. Garopaba aparecia com certa frequência como sugestão de lugar de veraneio e, ao que parece, a pouca

⁷O termo ‘principal’ refere-se aqui à importância histórica do lugar como núcleo inicial da cidade, uma vez que hoje, acredito, a praça principal seja a praça Ivo Silveira, onde se localizam a Prefeitura Municipal e Nova Matriz, bem como outros serviços importantes.

⁸A Rua Grande, 28.01.1972, p.21. Mantida grafia original.

infraestrutura da cidade no início daquela década não era vista como um empecilho. O rústico, neste caso, é visto como positivo.

Uma reportagem do jornal *Correio do Povo* sugeria roteiros para o fim de ano de 1971: “O que importa é que você tem alguns dias livres para sair, mudar de ares. Serra? Por que não? Mas... e se as crianças preferem a praia. Praia? Qual delas?”⁹. Fugir da rotina, mudar de ares, experimentar a natureza, revigorar as energias e preparar-se para, novamente, encarar o ar poluído das cidades... A vilegiatura marítima, tal qual no início do século XIX, está intrinsecamente associada aos dissabores da vida moderna, da qual esperava-se que corrigisse os males, os efeitos perversos do conforto e restabelecesse a harmonia do corpo e alma (Corbin, 1988).

Positivar o simples e o rústico evocava a fruição romântica do litoral. Segundo Corbin, a leitura romântica do mar e das gentes do mar caracterizou-se pelo signo da nostalgia, pela imersão no frescor, inocência e energia de um passado de contato mais intenso com a natureza. Os românticos, inspirados em modelos anteriores, foram os primeiros a formular um discurso coerente sobre as paisagens marítimas, enriquecendo os modos de fruição que se constituíam nos primórdios da vilegiatura e acentuando o desejo de estar junto delas, que começava a se esboçar. O litoral, por esta visão, tornava-se um lugar privilegiado para a descoberta de si (Idem).

Descoberta de si, liberdade, contato com a natureza: ideias que também condiziam com o que buscavam os jovens das cenas do filme *Deu pra ti anos 70...* Apesar de estar presente na memória popular e até em folhetos turísticos, não existem trabalhos acadêmicos sobre os *hippies* que acampavam no Morro da Fumaça. No conto ‘*Garopaba mon amour*’, de Caio Fernando Abreu (1996), publicado no livro *Pedras de Calcutá*, de 1977, através de simbologias e ambiguidades, narra-se a experiência de liberdade e o flagelo da repressão tomando a praia como cenário:

Em volta há ruídos de pandeiros com fitas coloridas, assobios de flautas, violas e tambores. O vinho corre, os cigarros passam de mão em mão. Nos olhamos dentro dos olhos esverdeados de mar, nos achamos ciganos, suspiramos fundo e damos graças por este ano que se vai e nos encontra vivos e livres e belos e ainda (não sabemos como) fora das grades de um presídio ou de um hospício. Por quanto tempo? Não há mais ruídos de pandeiros, nem fitas coloridas esvoaçam ao vento [...]. Não corre mais o vinho por nossas bocas secas, nossos dedos de unhas roídas até a carne seguram o medo enquanto os homens revistam as barracas (pp. 92-93).

Na narrativa, a descrição da tortura é intercalada pela descrição do dia anterior e o medo do seguinte, fixando o contraste entre o paraíso e o inferno, a liberdade e a repressão. O conto expõe as feridas de uma geração que não tinha espaço para viver segundo suas preferências e buscava refúgio nas drogas e orgias sexuais. O autor, gaúcho e homossexual, havia retornado do exílio político na Europa em 1974 e escrevia sobre os dramas de seu tempo. No conto, mais uma vez, a escolha da praia catarinense figura como um lugar de fuga para uma geração de jovens transgressores, vindos da capital do Estado vizinho.

A chegada dos jovens alternativos e das famílias veranistas colocava a antiga vila de pescadores cada vez mais aberta para o mundo, para novas influências e novas leituras. Mudavam os olhares sobre os mesmos espaços, coisas velhas ganhavam novos sentidos e sentiam-se novas necessidades. O espaço alterava-se com a chegada de novos significados: a Bagaceira, parte da praia aonde os pescadores depositavam os dejetos da pesca, considerada por eles imprópria

⁹Correio do Povo, 30.12.1971, p.13.

para o banho, ganhava valor imobiliário (Pacheco, 2010). Comportamentos tradicionais defrontavam-se com comportamentos urbanos e alternativos: a cidade saía, gradualmente, de seu isolamento secular (Damázio, 2011) e experimentava o tempo acelerar (Nora, 1993). Criavam-se novas formas de uso e representação da cidade que exigiam formas de adaptação dos nativos.

Figura 2 - Garopaba, início da década de 1970.



Fonte: Foto de Manfredo Hubner.

AS MUITAS GARAPOBAS

As cidades são realizações muito antigas que foram revestidas de nova importância com o advento do mundo capitalista. Pesavento (1997) coloca que, se antes a historiografia as estudava como o lugar onde aconteciam as coisas, a História Cultural passou a tratá-las também como objeto, ao analisar as representações de que são protagonistas, pois “o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos” (p.11).

Enquanto obras máximas da humanidade, as cidades representam o triunfo da técnica sobre o meio e o mundo racionalizado. Michel de Certeau (1994) distingue cidades-panorama de cidades habitadas. Cidades-panorama, assim como os mapas, são ficções totalizantes surgidas da transformação do *fato urbano* em *conceito de cidade* dos primórdios da emergência do capitalismo. É diferente da cidade vivida, habitada: os praticantes da cidade escrevem “textos urbanos sem lê-los” e formam uma “história múltipla, fragmento de trajetórias e alterações de espaço” (p.171) que não vem à superfície do espaço geométrico. Para Certeau, os habitantes de uma cidade *praticam o espaço*: manipulam os elementos da ordem espacial instituída com seus jogos de passos, que tecem os lugares. A enunciação pedestre, que seleciona e atualiza a ordem espacial, é o que o autor entende por *apropriação do espaço* e que corresponde a um uso singular de uma norma, uma maneira de estar no mundo. Os habitantes de uma cidade atualizam os códigos que organizam a ordem espacial quando imprimem no mesmo sua subjetividade. Produzem outra espacialidade que não a geográfica, produzem uma cidade metafórica que é diferente da *cidade-conceito*, mas não lhe é totalmente estranha, nem totalmente conforme e é injetada pelo habitante de referências, que não lhe são próprias.

Os nomes próprios dos lugares são, para o autor, um indício da relação que as práticas espaciais mantêm com a busca de sentido, pois operam como reservas de significações. Um nome próprio perderá aos poucos o primeiro valor que lhe foi gravado, mas nunca perde a sua capacidade de receber novos significados. Sobre a geografia do espaço ordenado, ergue-se então uma *geografia de sentidos*, pois os nomes descolados dos locais se transformam em metáforas que dirigem e alteram itinerários (Certeau, 1994, p.185). Tornam-se espaços ocupáveis para a impressão de subjetividade, fundam *locais imaginários* que escapam da sistematicidade urbanista e insinuam a subjetividade, outros sentidos, na ordem funcionalista: espaços que a subjetividade pode adentrar e que organizam discursos sobre e na cidade. Segundo Certeau, os nomes têm a função de deixar os espaços críveis, possíveis de serem lidos, vividos, habitáveis, lhes oferecem legendas. Tornam os espaços memoráveis, permitem lembranças e evocações de fantasmas. Povoam com os espaços com habitantes *de mais e a mais*, criam e permitem marcas, aberturas, lembranças: leituras que comprometem a univocidade do sistema racionalizado, que buscam o fim do simbólico, encarado como superstição. Enfim, para Certeau, os nomes tornam os lugares especiais porque possibilitam sua significação por parte do usuário e essas práticas significantes são, na sua visão, práticas inventoras de espaços.

Desta forma, o nome Garopaba como uma denominação apenas geográfica, não dá conta da Garopaba habitada, vivida e transformada, pois é um mero indicativo de uma reserva de significações que lhe são injetadas. Objeto de olhares tão distintos que produziram múltiplas Garopabas, sentidas e pensadas de formas diferentes pelos usuários de um mesmo espaço geográfico: Garopabas inventadas, mas não por isso, menos reais.

A mesma relação que preside a sistematização de uma cidade e a leitura de seus habitantes permeia a relação entre a sistematização da atividade turística e a leitura que faz o turista (Weber, 2006). A atividade turística deve ser pensada inscrita num sistema de signos sociais que emergem na cidade, sem características intrínsecas ou puramente econômicas. Fenômeno construído socialmente, o Turismo relaciona-se a processos culturais mais amplos, que implicam que seja tratado por seu caráter multidisciplinar e envolve a criação de um sistema integrado de significados dos quais a realidade turística é estabelecida, mantida e negociada. Isto posto, não existiriam lugares *naturalmente* turísticos, porque o Turismo é uma construção cultural que envolve seleções, seleções que dizem respeito a formas de enxergar o mundo produzidas por grupos sociais: “alguns elementos são iluminados, enquanto outros permanecem na sombra” (Castro, 1997, p.81). Deste modo, inquirir um espaço turístico é inquirir os critérios que fundam estas seleções e que indicam o que, em um determinado momento, é valorizado e o que não é.

O turista também *pratica o espaço*, se apropria dele, incute nele suas referências, joga com o arranjo espacial e a programação sistematizada. E, se decide retornar mais vezes, pode acabar por interferir na organização do espaço. O olhar do turista, mediado sobre tudo aquilo que ouviu, leu e viu sobre determinada atração, não pode ser considerado passivo: “a partir de diferentes narrativas, cada viajante faz a sua própria, selecionando, manipulando e brincando com as imagens que lhe são oferecidas” (Idem, p.84). Seus relatos, ao *inventarem espaços*, dialogam com os imaginários construídos sobre os lugares, difundindo-os ou modificando-os. As mídias desempenham também um valioso papel na constituição desses imaginários, amplificando-os extraordinariamente, uma vez que “em e mediante a propaganda moderna, a informação estimula a imaginação social e os imaginários estimulam a informação, contaminando-se uns aos outros numa amálgama extremamente ativa [...]” (Backzo, 1995, p.314).

Figura 3: Garopaba na mídia, em 1972



Fonte: Jornal A Rua Grande, 20.01.1972, pp. 16 e 17.

OUTROS TEMPOS: A PRESENÇA DO SURF...

Ainda na década de 1970, a família Gerdau Johannpeter comprou as terras que dão acesso a Praia Vermelha, uma das nove praias do município. Os irmãos Gerdau, não obstante as atividades industriais importantes de sua família, figuravam como os precursores do surfe no Rio Grande do Sul¹⁰. Também é nesta década que o jovem médico Marco Aurélio Raymundo, recém-formado em Porto Alegre, instalou-se na cidade. Pouco tempo depois iniciava a confecção de macacões para a prática do surf. Era o princípio da marca Mormaii. Perpassa, sob as duas histórias, uma nova leitura que aos poucos foi se impondo: as praias da cidade como propícias ao surfe.

O universo do surfe dialogou muitas vezes com o universo dos *hippies* que procuravam Garopaba, uma vez que se tratava de duas esferas de um momento em que a juventude se tornava uma protagonista social. Alguns de seus adeptos chegaram a pertencer de forma mais direta aos movimentos de Contracultura, enquanto algumas produções cinematográficas que divulgavam o esporte dissociavam-no (Dias, Fortes & Mello, 2012). Nas décadas de 1960 e 1970 algumas práticas buscavam, quase obsessivamente, o contato com a natureza, entre elas as *surf trips*, a busca por praias de ondas perfeitas no Brasil e no exterior. É dentro deste contexto o surgimento de um discurso que relaciona o litoral de Garopaba ao esporte, e que se consolidará na década seguinte com o sucesso da fábrica Mormaii, ligada à popularização do esporte na década 1980.

Quanto mais Garopaba era conhecida, mais se transformava. Consequentemente, sua divulgação foi acompanhada pela especulação imobiliária¹¹. A cidade tornava-se uma praia

¹⁰ Os irmãos Gerdau constam entre os vencedores do I Campeonato de Surf do Rio Grande do Sul (Correio do Povo, 13.02.1968).

¹¹ Na nova dinâmica, alguns pescadores venderam suas casas à beira-mar por valores irrisórios ao que custavam anos depois, afastando-lhes do local de suas atividades.

para consumo de classe média alta. Se no macadame da modernidade a interminável metamorfose dos valores do mercado faz com que tudo que tenha preço sobreviva (Berman, 1996), o não moderno se moderniza. A identidade do lugar é, então, continuamente recriada: a transformação espacial corresponde à transformação simbólica de seus espaços, através da substituição de antigos usos e da seleção de novas paisagens a serem valorizadas para o lazer (Damázio, 2011).

Interrogar acerca da historicidade de um espaço turístico é entender que nenhum lugar nasce naturalmente turístico e o olhar que o transforma enquanto tal é mediado por questões socioculturais de contextos específicos. Interrogar-se acerca da história de Garopaba é identificar, no aparentemente banal turismo de uma cidade litorânea, uma infinidade de discursos capazes de informar muito acerca dos grupos e dos tempos que os produziram, assim como as ressignificações que deles foram e são feitas. Também ressalta a importância de estudos sobre o fenômeno, dada sua abrangência e seu papel como parte dos processos de modernização brasileira – processos que, talvez um pouco ironicamente, transformaram uma vila de pescadores em um dos principais destinos turísticos de Santa Catarina.

Ainda é recorrente nas falas dos moradores e antigos veranistas da cidade em tom nostálgico sobre um tempo que já não existe: a minha avó não está sozinha entre aqueles que sentem saudade da vila de pescadores quase isolada, de ritmo ditado pelas atividades do mar, do cheiro de peixe. O novo ainda convive com o velho, o moderno com o rústico, o urbano com o bucólico. Mas, ainda que as luzes das vitrines de grandes marcas continuem a invadir a rua principal, a imagem que um passado ajudou a erigir reafirma-se na resistência em alterar algumas leis que impedem, por exemplo, a construção de grandes prédios no centro da cidade. A relação entre tantas Garopabas, de tantos sentidos e temporalidades, lembra-nos a relação das Maurílias, do passado e do presente, que Ítalo Calvino (1990) descreve:

[...] reconhecendo que a magnificência e a prosperidade da Maurília metrópole, se comparada com a velha Maurília provinciana, não restituem uma certa graça perdida, a qual todavia, só agora pode ser apreciada através dos velhos cartões postais, enquanto antes, em presença da Maurília provinciana, não se via absolutamente nada de gracioso, e ver-se-ia ainda menos hoje em dia, se Maurília tivesse permanecido como antes, e que, de qualquer modo, a metrópole tem este atrativo adicional - *que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que foi* (p. 15).

REFERÊNCIAS

- Abreu, C. F. (1996). *Pedras de Calcutá*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Backzo, B. (1995). Imaginação social. In: *Enciclopedia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda. V.5. pp.296-332.
- Berman, M. (1986). *Tudo que é sólido se desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bitencourt, F. (2003). *De Ygara-Mpaba a Garopaba*. Sete mil anos de história. Garopaba: Gráfica São Joaquim de Garopaba.
- Castro, C. (1999). Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (Org). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,.

- Calvino, Í. (1990). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras,.
- Chartier, R. (1988). *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.
- Chartier, R. (1991). O mundo como representação. *Revista Estudos Avançados*, V.5 (11), pp. 1742-1791.
- Certeau, M. de. (1994). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Corbin, A. (1988). *Território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Darella, M.D.P.; Garlet, I.J. & Assis, V.S. (2000). *Estudo de impacto: As populações indígenas e a duplicação da BR 101, trecho Palhoça, SC - Osório, RS*. Florianópolis, São Leopoldo.
- Dias, C., Fortes, R. & Melo, V.A. de. (2012). Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. *Estudos Históricos*, V.25 (49), pp.112-128.
- Mello, J. M. C. & Novais, F. (1998). Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: Schwarcz, L. M. (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Nora, P. (1993). Entre Memória e História: A problemática dos lugares. In: *Projeto História: História & Cultura*. São Paulo: PUC, n. 10.
- Pacheco, L. M. (2010). *Entre "nativos" e "de fora" estudo etnográfico sobre nuances identitárias no Centro Histórico de cidade litorânea no sul do Brasil, Garopaba, SC*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis.
- Pedroso, L.F. (2009). *Transgressão do Bom Fim*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre,.
- Pesavento, S.J. (1994). Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultura e as representações do urbano. In Mauch, C. et al. *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, p.136.
- Pesavento, S.J. (1997). Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira de História*. V. 27 (53).
- Roszak, T. (1972). *A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schossler, J.C. (2010). *As "nossas praias": os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900-1950)*. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre.

Recebido em 20.04.2014

Revisões em jun.2014

Aprovação: 06.07.2014